

Bomarzo



Por **FÁBIO FONSECA DE CASTRO***

Comentário sobre o romance de Mujica Lainez

No dia 13 de julho do ano de 1958 o escritor argentino Manuel Mujica Lainez, acompanhado do pintor Miguel Ocampo e do poeta Guillermo Whitelow, visitaram uma atração turística que ficava a uns 100 km de Roma, Itália: um castelo medieval e seus bosques, repletos de estátuas enigmáticas. Era o castelo de Bomarzo e seus bosques são conhecidos como O Bosque dos Monstros.

Tomado por uma inspiração devastadora Mujica Lainez, ou Manucho, como era chamado pelos amigos, começou a elaborar seu novo romance. Levou três anos para escrevê-lo. Três anos de pesquisas intensas sobre o intrigante personagem histórico que foi senhor daquele castelo e o construtor dos seus bosques misteriosos, o príncipe renascentista Pier Francesco Orsini, duque de Bomarzo.

O romance foi iniciado em junho de 1959, concluído em outubro de 1961 e lançado em 1962. O reconhecimento foi imediato e em 1967 o livro foi transformado em ópera, com libreto do próprio Manucho e música de Alberto Ginastera. Ocorre que a ópera foi proibida na Argentina, que vivia então a ditadura militar e essa proibição fez o livro ser vendido em massa. Recentemente, o jornal espanhol *El Mundo* inclui o livro entre os 100 melhores romances em língua espanhola do século XX.

De minha parte, posso dizer que sou apaixonado por esse livro e que um dia pretendo ir ao castelo de Bomarzo e conhecer os seus bosques.

A história

A trama de *Bomarzo* se passa durante o Renascimento italiano e, de certa maneira, é um livro sobre o Renascimento, seja em função das referências históricas aos fatos e aos personagens reais desse período, seja em função da tematização sobre o *ethos* do homem renascentista.

O ambiente central da história, o castelo de Bomarzo, é, ao mesmo tempo, trágico e sensual. A partir dele incursionamos por Roma, Florença, Veneza, pela batalha de Lepanto e pelas campanhas italianas. Ao mesmo tempo, conhecemos um mundo de duques, príncipes, papas, cardeais, *condottieri*, artistas e cortesãos. Vamos conhecendo as tramas da família Orsini, com seus quatro papas, dezoito santos e dezenas de príncipes e duques.

Ao lado deles, há um cortejo de personagens do renascimento italiano e da Europa desse tempo: Carlos V, Francisco I da França, os papas Alexandre VI, Clemente VII, Paulo III, Pio V, Miguel de Cervantes. Acompanhamos as guerras entre gúelfos e gibelinos e nos perdemos nas disputas entre as famílias senhoriais desse período, em suas alianças ou guerras

com os Orsini: os Colona, Medici, Farnese, Sforza, Strozzi e assim por diante.

O livro conta a vida, como disse, do duque de Bomarzo, Pier Francesco Orsini, também chamado de Vicino Orsini, um duque nascido com uma malformação congênita, uma curvatura da coluna vertebral na região cervical. Corcunda, homem de gibão, como lhe chamavam, provocava estranheza nos círculos de poder italianos.

Viveu num ambiente no qual o crime e a violência eram coisas naturais e mesmo habituais, um lugar cheio de histórias de envenenamentos, estrangulamentos, assassinatos, traições e proezas militares. É o ambiente descrito por Machiavel e por tantos outros autores da época. Porém, ao mesmo tempo, é um ambiente tomado por uma atmosfera artística, na qual o sublime, o belo e a arte têm um lugar de destaque.

Vicino Orsini é um homem do Renascimento. Ele pensa, sente, ama e odeia como um homem do Renascimento. E, por isso, se torna uma excelente chave para entender o que foi esse momento da história.

A sua singularidade, sua corcunda, o distingue de sua época e mesmo interdita, a ele, essa época. Num momento em que as proporções ideais e que o belo são universalmente desejados, a sua deformidade física o incomoda e provoca, nele, uma reflexividade que o torna um espelho de todo o período. Ainda que tenha um rosto e mãos belíssimas, como é dito, a corcunda o incomoda profundamente.

Até que, num dado momento do romance, ele observa que a palavra monstro – e muitas vezes ele é chamado de monstro, por sua família e por sua época – significa também “eu mostro”, ou seja, monstro é a pessoa que mostra o mundo como ele é. Vicino Orsini acaba tornando-se, assim, um arquétipo do homem do Renascimento – uma época ao mesmo tempo bárbara e sublime e que mostrou ao mundo como o mundo realmente é. Como ele próprio coloca: a função dos monstros é mostrar... e parte em construção do seu bosque de monstros...

A vida do duque de Bomarzo é um relato poético de uma época muito especial da humanidade. Um relato feito com uma prosa barroca carregada de ironia e, ao mesmo tempo, de nostalgia. O livro é escrito em primeira pessoa, mas, de uma maneira insólita, é narrado de um ponto de vista intemporal: o duque que narra a sua vida não está mais vivo, está morto e está narrando sua vida 500 anos depois dela ter acontecido, confundindo-se com a temporalidade do próprio autor.

Esse subterfúgio narrativo acaba produzindo uma temporalidade própria, que, embora centrada no Renascimento, percorre os séculos até a contemporaneidade, sugerindo a tese de que o espírito de uma época perdura e pode ser compreendido e narrado por outra época e por outra pessoa. E esse jogo de temporalidades é um dos pontos altos da obra, embora possa passar despercebido por alguns leitores, posto que é algo tratado com grande sutileza.

O parque dos monstros

Por fim, resta falar sobre o bosque de Bomarzo e suas estátuas. Esse bosque, que também é chamado de Parque dos Monstros (*Parco dei Mostri*), é considerado como o mais extravagante jardim da [Renascença italiana](#). Tal como o duque corcunda, com sua reflexividade, mostrava e mostra o mundo ao mundo, as esculturas grotescas do bosque de Bomarzo funcionam como um espelho que mostra o horror da existência.

Conta-se que Vicino Orsini começou a construir o Parque dos Monstros depois da morte de sua esposa, a belíssima Giulia Farnese. Teoricamente, as esculturas mostram sua dor com essa perda, mas também a sua frustração em relação à história e às ideias de alegria e felicidade.

O bosque também possui várias inscrições em pedra. Numa delas pode-se ler: “Tu, que percorres o mundo em busca de grandes maravilhas, vem aqui, onde encontrarás rostos horríveis, elefantes, ossos e dragões”.

O interessante é que esses bosques foram esquecidos, cobertos de relva e viraram uma floresta, assim permanecendo durante mais de 300 anos, até que, por volta de 1950, foram redescobertos, pela família proprietária do castelo de Bomarzo, descendentes de Vicino Orsini, recuperados e abertos para a visitação pública.

O escritor

Resta falar de Mujica Lainez, o autor do romance. Manucho nasceu em Buenos Aires em 1910 e morreu em Córdoba, também na Argentina, em 1984. Pertencente a uma família rica, foi educado na França e na Inglaterra. Aos 22 anos, de volta a Buenos Aires, tornou-se jornalista, ingressando no jornal *La Nación*, onde atuou durante toda a sua vida. Também atuou como tradutor e como crítico de arte, tornando-se uma figura central da vida cultural portenha.

Escreveu mais de vinte livros, dentre romances, coletâneas de contos e de poemas, ensaios e crônicas. Nessa obra, o romance histórico tem um lugar especial.

Um primeiro momento da sua obra é formado pelos livros de contos *Aqui viveram*, de 1949, e *Misteriosa Buenos Aires*, de 1950. Depois veio a “saga portenha”, romances históricos passados em Buenos Aires, composta por quatro livros: *Os ídolos*, de 1953; *A casa*, de 1954; *Os viajantes*, de 1955 e *Convidados ao paraíso*, de 1957. Segue-se o seu ciclo de novelas históricas fantásticas, que começa com *Bomarzo* e continua com *O unicórnio*, de 1965, e *O labirinto*, de 1974.

Depois que a ópera *Bomarzo* foi proibida, Mujica Lainez tornou-se uma figura extremamente popular na Argentina e seus livros tiveram sua venda multiplicada.

Concluindo, posso dizer que Mujica Lainez é um grande autor, quase desconhecido no Brasil, e que *Bomarzo* é um romance sublime, encantador. Um dos melhores livros que já li e que, na verdade releio de vez em quando há mais de vinte anos.

***Fábio Fonseca de Castro** é professor de sociologia no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Como Fábio Horácio-Castro publicou romance *O réptil melancólico* (Editora Record).

Referência

Manuel Mujica Lainez. *Bomarzo*. Tradução: Pedro Tamen. Rio de Janeiro, Sextante editora, 2010. [<https://amzn.to/3VPVOXo>]



A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)